

aurora

carlos lopes

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2021

“Entre brumas, ao longe, surge a aurora.
O hialino orvalho aos poucos se evapora,
Agoniza o arrebol.”

— Alphonsus de Guimaraens

ANTES DE AMANHECER

Antes de iniciar sua leitura devo informar que se acha que este é um livro de poemas de amor, então está enganado... deve fechar o livro, ler o título mais uma vez – talvez em voz alta – e reiniciar a leitura. O que se encontra em suas mãos neste exato segundo que já se passou é o próprio tempo. Não esse tempo cru e mecânico entalado de *tic e tac* que nos acorda às sete, dá banho às sete e trinta, nos dá fome às doze; ou que nos faz chegar em casa em trinta minutos, enquanto alguns em duas horas. Também não estou falando do tempo natural das coisas que as fazem brotar, amadurecer e estragar ou que nos faz nascer, envelhecer e um dia morrer.

Este tempo que está firmemente seguro em suas mãos é o único tempo que não pode ser medido por ponteiros, não pode nunca envelhecer e jamais deteriorar-se. O tempo aqui é o das memórias. Elas representam a forma mais perpétua daquilo que conhecemos, de maneira rasa, como as voltas que os ponteiros dão. Memórias fixas e eternas que, passem quantos anos quiserem, sempre serão memórias. Podem exalar sentimentos ou emoções, podem ser de júbilo ou traumáticas.

Ao entrar mais profundo nestas páginas notará que o passado aqui se confunde com o presente, ou mesmo o fu-

turo, que as memórias viajam no espaço, criam ambientes semelhantes ou completamente diferentes uns dos outros, transmitem emoções tanto quanto recebem. Como memórias que brotam em nossa mente, assim será essa leitura.

À BEIRA DO LAGO

Todo dia, havia nem o sol nascido, já me achava de pé em meio ao quarto ainda escuro da noite, iluminado somente por um feixe azul-prateado da lua que entrava pela janela e parava na parede oposta. Os quadros com fotos antigas reluziam o brilho da lua formando um concerto particular de luzes. Caminhava lentamente pelo chão de madeira até a cozinha onde acendia o fogão à lenha para fazer o café; o cômodo se enchia de um laranja forte e quente que aquecia a água, fazendo borbulhar. O cheiro perfumado do café inundava meu nariz enquanto o bebia. O céu permanecia um manto negro repleto de minúsculas gotas brancas que brilhavam mais perto ou mais longe. Após o café, ia até a frente da casa; em uma longa caixa procurava uma vara de bambu com um fio e anzol na ponta. Pegava um balde branco, sujo do tempo, cheio de terra e minhocas, cruzava o portão de madeira e seguia pela rua de terra com um lampião em uma das mãos.

Agora a lua desaparecia e o céu era um contínuo azul escuro. Sob ele a rua de terra vermelha serpenteava por campos escuros indescritíveis à luz laranja do lampião. Vez ou outra o vento balançava as plantas nos campos e um perfume floral se erguia no ar; para mim mesmo exclamava num

sussurro: – “Talvez rosas; quem sabe violetas?”. Durante o caminho alguns trechos erguiam árvores que formavam colossos negros na escuridão, delas ouvia o farfalhar de morcegos que voavam irregularmente sobre minha cabeça. Em certo ponto a rua se tornava uma pequena trilha que subia entre árvores pouco maiores que eu, até uma planície onde brotava do chão uma árvore de tronco vultoso, longos galhos e folhas espessas. Sentava embaixo de sua copa e olhava para o espelho que se estendia pelos trinta metros à minha frente. Pegava uma minhoca no balde, com cuidado a empalava no anzol e a arremessava no espelho que tremia em dezenas de ondas uniformes. Dali, sentado, olhava o horizonte, ainda azul escuro, e aguardava pacientemente.

Há seis anos repetia essa mesma rotina, todos os dias, sem falta: acordava antes do sol, tomava um perfumado café, pegava minhas minhocas e a mesma vara de bambu – que a esse ponto já estava seca – e andava devagar pela rua de terra vermelha até a planície, onde sentava com impassível paciência. Observava a pequena boia branca flutuar no espelho do céu, esperando-a afundar. Enquanto não afundava, olhava o céu escuro cair até o horizonte em algumas pequenas montanhas que não sabia onde iam dar. Por vezes, cochilava por rápidos minutos onde, em meus sonhos, a via chegar; me beijava por inteiro deslizando seu corpo sobre o meu. Acordava sorridente e olhava para o horizonte; lá ela vinha deslizando pelas brumas; sentia seu calor se erguer pela terra. Antes mesmo do sol aparecer o céu se enchia com o lusco-fusco de sua beleza. Nos primeiros segundos se erguia por detrás das montanhas um tom laranja que ia misturando-se ao céu noturno, tomado por um roxo gótico. Quase imperceptivelmente, o *dégradé* subia e o amarelo

surgia junto ao sol. Esse era o momento tão aguardado, tão sonhado. Finalmente ela estava ali – aurora -, tão linda e bela, seu calor flutuava até mim, seus raios de luz coloriam a paisagem de verde, marrom, vermelho, azul; sentia sua calma e pureza, era como se falasse e eu ouvia: – “Bom dia! Bom dia! Bom dia!”. Respondia, então, sorrindo de lágrimas nos olhos: – “Bom dia, doce Aurora! Graças a você é dia!”. Me tocava o rosto com carinho como se me amasse e, enfim, o dia nascia.

Com o dia já nascido o céu tornava-se um mar azul uniforme. A aurora já havia desaparecido e só me restava sua imagem em minha memória. Em algum momento um peixe resolvia fisgar minha isca fazendo o espelho d’água se agitar freneticamente. Tirava então o peixe da água sem muita dificuldade. Me punha de pé e olhava novamente para as montanhas, agora já coloridas de verde em vários tons, com os últimos resquícios da bruma da manhã e torcia para que pudesse rever aquele espetáculo, que durava apenas alguns instantes, novamente. Dava as costas para o lago e descia pela trilha até tornar-se novamente a rua pela qual voltava para casa. Havia árvores e plantas pelo caminho, mas nada que eu pudesse prestar atenção, ainda pensava naquela bela aurora. Ouvia alguns sons ao longe e recorde de me questionar algumas vezes sobre o que seriam. Sentia o vento me tocar quando chegava à um campo e cheirava um aroma que não sabia distinguir o que poderia ser. Seguia até minha casa sem muita atenção ao caminho – continuava sempre pensando em suas cores e em seu calor ao tocar meu rosto. Ao chegar guardava a vara e o balde de minhocas, entrava em casa e comia o peixe que assava com alguns legumes. Passava o dia com alguns afazeres esperando anoitecer para que

pudesse dormir novamente. Em nenhum momento da minha rotina solitária eu parava de pensar naquele único minuto em que eu recebia os raios primeiros do dia só para mim. Me sentia sempre muito único em poder ser o primeiro a vê-la.

Outra noite chegava e outra vez eu dormia pronto para levantar antes do sol. Assim se passaram dias e mais dias. Em algum momento daquele ano acabei me perdendo na contagem dos dias e nunca mais recuperei. Já não sabia se era primavera ou verão, mas naquele dia acordei ainda mais cedo que de costume. Mesmo assim segui a rotina que já ocupava um quarto de minha vida. O café seguia perfumado; a lenha me aquecia na cozinha fria; a vara secava cada dia mais; o lampião enferrujava a cada dia mais. Segui meu caminho de sempre com calma e sono como fazia todos os dias, porém, senti falta do odor floral que o vento trazia. No meio das grandes árvores não ouvia o farfalhar de nada. Não me importei com aquilo, afinal o mais importante era chegar ao lago para esperar a aurora. Subi a trilha ansioso e fiz o restante como sempre; não cochilei, pois queria olhar bem o céu. Tamanha era minha ansiedade que não havia notado nos primeiros quinze minutos desde minha chegada algo completamente fora do habitual: trinta metros à minha frente, pequena, agachada à beira do lago me olhava – não sei dizer quem estava mais assustado, se eu ou ela. Ergueu-se lentamente e não demorou a se aproximar. Conforme ela chegava mais perto o céu clareava; reparei que usava um vestido branco de seda que rodeava seu corpo caindo em seus pés, tinha a pele clara como dia e cabelos curtos levemente cacheados. Chegou ainda mais perto e o céu amarelou com o sol e ganhou o azul do dia; nesse momento pude ver que o vestido tinha uma leve transparência. Seus seios voluptuosos

EDITOR A
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

A U T O R
carlafari.lopes@outlook.com
flordosertaorevista.blogspot.com/

• *Livros iluminam* •

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em maio de 2021.
